Numero 195 — Domingo 8 de Novembro de 1885 — 4.º Anno

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO— ANNO 50 (NUMEROS) 1$000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 1$125 RS., SEMESTRE (25 NUM570EROS) RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 1$500 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANNUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NUMERO, 7

O «Povo de Aveiro» continúa a ser vendido em Lisboa no kiosque do Terreiro do Paço.

AVEIRO

OS MUNICIPIOS

O municipio é o edificio constitutivo das liberdades nacionaes. Segundo um famoso escriptor, é a base da ordem politica, como a familia é a base da ordem social. Assim como a familia é o despertador mais energico das relações sociaes, assim o municipio é a pedra angular das nossas multiplas relações nacionaes. Se a familia nos attrai por um convivio intimo em sentimentos communs, a terra em que nascemos prende-nos pela recordação deliciosa dos tempos da infancia, onde desenvolvemos o espirito, onde démos os primeiros passos no trilho da existencia, onde vive e onde descança tudo quanto nos é e quanto nos era caro. Onde não ha espirito de liberdade e de independencia municipal não ha espirito de nação. Onde a autonomia communal se esterilisa e se definha, o despotismo, ou o despotismo tradiccionalista ou o moderno despotismo constitucional, tudo avassala e suffoca.

Foi pela autonomia do municipio que se manteve em Roma a velha liberdade republicana; foi pela revolta communal que o terceiro estado manteve em cheque a aristocracia poderosa; foi pelas regalias da cidade que a Grecia chegou ao seu esplendor, que a peninsula iberica entoou cantos de victoria em desenas de batalhas á sombra dos pendões dos livres municipios e que a Italia viu o renascimento das lettras e das artes. Quando o imperio romano surgiu com a sua cohorte de torpezas e de vicios, quando as monarchias chegaram ao ultimo grau do auctoritarismo e de centralisação, os municipios extinguiram-se ou cahiram na impotencia e com elles extinguiu-se a liberdade.

Com o nosso seculo resurgiu o espirito communal. Frouxo e dubio ao principio, foi-se desenvolvendo e propagando até constituir hoje na França o poderoso partido autonomista e na Hespanha o grande partido federal.

Entre nós, não vae desanimada, antes vae energica e firme, a propaganda federalista, que tende á constituição do municipio antes da constituição do Estado. O Estado é a federação dos municipios, como a Nação é a federação dos Estados. E assim como o individuo vae procurar na associação a força que não tem por si só, e assim como a associação requer para ser forte e poderosa a liberdade e a independencia de cada um dos individuos que a vão constituir, assim a nação vae tirar a sua força dos municipios livres e autonomos que a constituem, como cada um d'elles foi procurar auxilio para emprehendimentos de maior folego n'um pacto commum.

Entre nós, não vae desanimada a propaganda federalista como iamos dizendo. Mas as ultimas eleições municipaes acabaram de provar quanto é grande a ignorancia em Portugal, quanto é desoladora a bestialidade da massa, quanto é triste esse espectaculo degradante de rivalidades de influencia e poderio entre meia duzia de capitães móres. Isso que para ahi novamente se debateu, não foi uma questão de principios, não foi sequer uma garantia de melhoramentos materiaes; foi uma questão repugnante de mandos; foi a vaidade do sr. Fulano em opposição á vaidade do sr. Sicrano. E para que triumphasse este ou aquelle, para que o ramo ficasse na mão do capitão mór cá de baixo ou do capitão mór lá de cima, converteu-se a casa do suffragio em taberna immunda, a autoridade em garoto de tasca e a liberdade em rameira de pataco. Indigno e digno! Indigno da civilisação do ultimo quartel d'este seculo! Digno da monarchia pôdre que para ahi se ostenta e dos reles serventuarios que a seguem!

Entretanto, o Estado continuará centralisando todos os poderes na sua mão. Roubará os rendimentos do municipio, exercerá uma vilissima espionagem sobre os seus funccionarios, dissolve-l'o-ha quando isso lhe approuver, disporá d'elle quando quizer em tudo e por tudo. E o povo continuará no chiqueiro, sem mestres que lhe ensinem os filhos a ler, sem bibliothecas, sem hospitaes, sem cemiterios, sem largos, sem mercados, sem ruas, sem passeios, e até sem agua salubre e sem pão que se possa comer, envenenado pelos falsificadores de toda a especie, entre os quaes avultam e sobresahem os falsificadores de consciencias que cahiu na asneira de eleger. E eis ahi os resultados praticos e moraes das ultimas eleições.

EXPLIQUEMO-NOS

A'parte a questão doutrinaria e de principios, travou-se uma azedissima questão pessoal entre nós e o sr. Horacio Ferrari. Parece-nos, porém, que o sr. Horacio Ferrari architectou no ar todas as verrinas e insultos com que nos mimoséa. O sr. Ferrari accusa-nos: — 1.º de termos feito allusões a factos da sua vida particular; 2.º de lhe termos enviado o nosso jornal de caso pensado para reparar nas dictas allusões, acompanhado d'um bilhete cheio de *dedadas e immundicies de moscas*. Ora nada d'isto é verdade. Não fizemos nenhuma allusão a factos da vida particular do sr. Ferrari, nem a podiamos fazer porque a não conhecemos, nem lhe enviámos nenhum jornal com intento reservado. Quando muito poderia ter sido a administracão d'este periodico que lh'o enviasse a pedir a sua assignatura, como faz para muita gente que só de nome conhece. Mas mesmo que se désse tal facto, o corpo da redacção nada teria com isso. E o que não se deu em todo o caso, nem por parte da administração, nem por parte da redacção, foi a remessa do tal bilhete sujo. Estamos portanto convencidos de que se andou aqui intento reservado foi de alguem extranho a esta questão. Nem de outra fórma se explicam as accusações extraordinarias em que o sr. Ferrari fundamenta os seus ataques. Esperemos, pois, os acontecimentos.

A CANALHA

A canalha foi sempre assim. Quando se sente ferida na sua jactancia balofa, quando lhe picam o ôdre da vaidade, não emprega o argumento sério para desfazer suppostas injustiças; vae para o soalheiro emporcalhado morder na honra dos conhecidos e visinhos. Se o adversario é tido por fraco e pusillanime, saltam-lhe em cima com a linguagem indecente do garoto, que nem se arrisca a levar um pontapé do transeunte, porque foge d'elle como cão vadio. Se sabem que o adversario tem a coragem, o desembaraço e o desenvolvimento physico para lhe esmurrar com um murro o focinho amacacado, vão calumnia-l'o infamemente pelos conventiculos ou procurar ao longe para lhe defender a covardia quem o não conhece ou quem não está ao facto das miserias da canalha, imaginando-lhe phantasticos aggravos. E d'esta fórma arranjam ás vezes um bode espiatorio, que paga o ludibrio e a leviandade propria com o socego da familia e quiçá com a mesma existencia. Se ainda não surte effeito este meio repugnante, vão até á carta anonyma e até ao bilhete postal para semear discordias entre amigos e levantar desconfianças e suspeitas entre os que estiveram sempre unidos pelos laços da mais intima amisade.

Pois bem. Ouvi o que vos dizemos pela ultima vez, oh canalha! Podeis ir pela sombra, pelos conventiculos, pelos conhecidos calumniar os homens serios e honrados. A' vontade. Mas quando escreverdes ou fallardes em publico notae bem: se oppozerdes argumento a argumento, digno e levantado ainda que energico, só encontrareis do nosso lado argumento energico tambem, mas tambem digno e levantado. Se a isso preferirdes a linguagem indecente e desbragada, não vos responderemos n'esse ponto, porque não sômos regateiras nem garotos. Mas então, porque não estámos resolvidos a tolerar o insulto desenfreado nem Deus nos fadou para tal cynismo, ou haveis de engulir a injuria com maior ou menor menor decencia segundo a vossa cathegoria, ou haveis de sustenta-l'a na ponta de qualquer arma honrada, ou haveis de levar quatro bofetadas em plena rua, salvo quando em nenhum caso tiverdes a mais pequenina imputação. Corra ou não corra com isso grave perigo o nosso bem estar!

Isto não são fanfarronadas. São affirmações provadas por actos successivos da nossa curta vida. Repetimos outra vez:

«No campo que quizerdes, no campo que vos aprouver, ahi nos ireis encontrar, e pela frente.»

Nada mais.

PARA OS DO "SECULO,,

O ministro do interior da Republica franceza mandou proceder *á estatistica* das profissões de fé dos deputados eleitos a 4 e a 18 de outubro. Por ella se averiguou que á excepção de 51 eleitos, que se não manifestaram, todos os outros condemnaram as expedições longiquas. 284 reprovaram abertamente a *politica de conquista*; 178 pediram *ponto* nas expedições; 54 reclamaram uma politica pacifica. Por outro lado o jornal *Paris*, opportunista *enragé* e que defendeu com o ultimo calor a politica Ferry, escreve isto:

«Escusâmos de recriminar o passado. Está julgado. As eleições legislativas do 4 de outubro mostraram que um grande numero de eleitores censuram à Republica a expedição do Tonkin. A opinião publica é rebelde á politica colonial. Tal é o facto brutal. Tal é a vontade formal do paiz.»

E aquelles imbecis do *Seculo* a apunhalar quem nas columnas do infeliz jornal tanto censurou a politica Ferry! Accusavam-nos de combater a Republica. Quem combatia a Republica: — nós que estavamos de accordo com a maioria dos republicanos francezes, como se vê hoje, ou elles que applaudiam, contra todas as

---

4 **FOLHETIM**

JANTARES E JANTANTES

—Senhor! sou a dizer que nunca me fascinaram nem me fascinarão jámais as falsas pompas de um charlatanismo sempre descabido em pontos d'arte, e maximé em materia de tão grande monta como aquella que na occasião presente se acha sujeita á minha apreciação e exame. Um só prato basta para fazer a gloria eterna de um homem. Um homem que fizesse bem dois pratos seria grande de mais para tão pequeno mundo como este em que habitamos. Se tal homem existisse, as gerações tel-o-iam presentido durante os ultimos seculos pelas convulsões geologicas do globo, violentamente abalado pela trabalhosa gestação do prodigio. Quando eu quero comer um coelho ensopado sei que é d'aqui vinte leguas que se sabe ensopar coelho; pego na mala, vou-me lá, como-o, e retiro-me. Com a caldeirada de peixe faço o mesmo, «et sic de caeteris.» Ora pois, traz-me a sua casa o intuito de comer o acepipe intitulado «suprème de volaille.» Haverá por bem dar-me «suprème» e nada mais que seja. Assim o tenha entendido e se apresse a fazer executar.

O prazer de jantar no restaurante, prazer tão pouco apreciado em Portugal, foi muito bem pintado pelo doutor Véron em uma carta dirigida por elle a Alberic Second.

«Foi de certo o estomago do homem— disse o celebre burguez— quem inventou o aphorismo: «qui va piano và sano, qui va sano va lontano.» Ora em nossa casa, á hora fixa, está a sôpa na mesa, está a sobremesa nos pratos, sahe o assado do espeto... Os criados, para jantarem á sua vontade, servem-nos com a velocidade de um trem expresso; não servem, abafam a gente! No restaurante é outro o caso. No restaurante espera-se. Louvores a Deus, que se póde esperar no restaurante! Eu nunca deixo de dizer aos criados:— «Vão lá servindo os outros e importem-se pouco commigo! eu gosto de esperar e é para esperar que venho jantar aqui.»— Além d'isso no restaurante a porta abre-se a cada passo, e é o imprevisto que entra: è um conhecido; é um colléga; é um amigo! Veem as perguntas, veem as recordações; conversa-se, ri-se: não é o estomago, é o espirito que está á mesa. Fervem os bons ditos, surgem as reminiscencias alegres... e janta um homem sem dar por isso. D'uma assentada sò jantou-se e digeriu-se. Só as giboias é que fazem gosto em digerir! Eis, meu querido e amavel philosopho, a razão porque eu vivo na minha terra como um inglez ou um russo celibatario, e atravessando Pariz como um viajante.»

A maior parte dos parisienses vivem como o doutor Véron: o jantar para elles é mais do que uma refeição, é principalmente um divertimento. O jantar é em Pariz o prazo dado para a reunião dos amigos, que o trabalho separa durante o dia. E' ao jantar que se descansa o corpo e se retempera o espirito e o coração; é ao jantar que se conversa, ao jantar que se discute, ao jantar que se aprende, ao jantar que se ama. Ha «dîner en ville, dîner en compagnie, dîner en partie fine, dîner en tête-á-tête, dîner en famille;» e a cada um d'esses modos de jantar corresponde um prazer especial.

Uma das poucas coisas verdadeiramente uteis que Deus nos permitte gosar n'este mundo é jantar a uma mesa de litteratos ou d'artistas parisienses «Chez Paschal-Philippe;» na «Maison Dorée;» na casa «Brébant-Vachette,» no «boulevard des Italiens;» no café de «Peters,» na «Passage des Princes,» ou no «Café Riche,» à esquina da rua Lepeletier.

Desdobra-se o espirito com os guardanapos que se estendem nos joelhos. Arriba com a alegria! álerta a intelligencia! ouvido attendo! ôlho vivo! resposta prompta! rèplica instantanea! aqui a conversa é como os consoantes em certo jogo de prendas: quando me chegar a minha vez ou fallo ou estou perdido. Falla-se de tudo, das mulheres, do amor, da familia, das artes, da poesia, da politica, da religião; discute-se tudo, contesta-se tudo, ri-se de tudo. Não importa ser-se verdadeiro nem justo, basta ser-se original, inesperado, imprevisto, novo, paradoxal, impossivel. Não é preciso ter razão, é sufficiente «avoir le trait.» No espiritual «avoir le trait» é como no physico «avoir la ligne:» o elogio de uns certos attractivos da elegancia e da moda mais faceis de perceber que de definir. «Avoir le ligne» é ser um elegante, «avoir le trait» é ser um homem de espirito. A independencia do juizo, a isenção do pensamento, a agudeza da rèplica e o relevo da palavra, elevados á perfeição, constituem «le trait.» Este desgarre e affoiteza d'opinião, esta facilidade de contestação, este amor de combate, esta dissipação d'espirito, superficial mas saliente, nervoso e activissimo, é o elemento do eterno riso parisiense: uma risada que governa o mundo. A gargalhada de Pariz personificada chama-se Voltaire, Rabelais, Montaigne, Lesage, Beaumarchais ou Molière.

Debaixo das apparencias frivolas da

indicações democraticas, uma politica napoleonica? Quem combate a Republica, são elles, os imbecis, que estão contra a maioria dos deputados eleitos.

Se o sr. Ferry os conhecesse, arranjava-lhes a legião de honra. Imbecis, eternos imbecis!

Transcrevemos da *Voz do Operario* o artigo que se segue. Agradecêmos-lhe as expressões lisongeiras que nos dirige, que não transcreveriamos nem citariamos aliàs, se não tivessemos de transcrever o artigo todo para mostrar como a corrente se accentua contra os chefes.

Na questão religiosa teem estes sido combatidos por 9 jornaes:— *Folha do Povo*, *Protesto Operario*, *Voz do Operario*, *Noventa e Trez*, *Livre Exame*, *Sentinella da Fronteira*, *Democracia Commercial*, *Officina* e *Povo de Aveiro*. Bem lhe diziamos nós que d'esta vez quebravam o nariz!

A tal associação anti-jesuitica tem dado occasião a peripecias bem exquisitas sobre o modo de ver a questão religiosa. Foi um bom serviço não tem duvida. Ao menos já ficamos sabendo que ha homens que se diziam avançados em ideias, e não querem que se opponha uma propaganda activa e energica á propaganda reaccionaria dos padrecas.

Posto só que os tonsurados se sirvam do confissionario, do pulpito, e de quantas manhas podem, para nos insultar, roubar-nos a honra de nossas familias e os haveres dos ingenuos. Dizem que só combatem o jesuitismo fingindo ignorar que o patriarcha é o primeiro jesuita e que todos os padres lhe obedecem cegamente, fazendo por conseguinte todos causa commum. Temos assistido com a maxima curiosidade ao debate havido entre a imprensa republicana com respeito a esta questão e confessamos que muito temos aprendido.

O imminente tribuno, a alma da democracia franceza que se chamava Gambetta, dizia:—«o clero, eis o inimigo.»

Garibaldi, esse benemerito campeão da liberdade humana, prégava a guerra sem treguas ao clero, por ser o mais monstruoso obstaculo ao progresso humano. E ainda presentemente, os homens mais illustres da França estão empregando todos os esforços para livrar o povo da tutella do clerigo. Pois esses homens, no modo de ver de alguns republicanos cá da Parvonia são uns parvos!

Arranjaram-n'a bonita, é verdade que já era tempo de desillusões.

Não havemos de ser nós que nos vamos metter de permeio n'esta questão, que está muito bem entregue a homens auctorisados, como por exemplo Antonio de Castro, que tanto honrou as columnas do «Seculo» com os seus brilhantes artigos, e que se tem encarregado d'essa missão.

Este illustre jornalista, que hoje redige o «O Povo de Aveiro», não os tem deixado pôr pé em ramo verde.

Ainda no seu numero de 18 de outubro se lê o seguinte que merece toda a attenção:

(Segue-se o nosso artigo intitulado—*A ignorancia exaltada por um republicano.*)

Que tal? Gostaram?

Então vá lá mais um bocadinho que se lê no mesmo jornal:

Transcreve ainda o nosso artigo intitulado — *A ultima bofetada* e conclue:

Ficamos na galeria.

Quem quizer assistir de mais perto ao espectaculo, não tem mais que comprar o «Povo de Aveiro».

Este nosso collega tambem já disse que era tempo de dividirem os campos.

Concordamos.

JUSTO.

Carta de Lisboa

6 de novembro.

Não pedi aos leitores um *padre nosso e uma ave maria* por alma do ministerio, porque este resolveu deixar o caso das graduações militares dos candongueiros para as calendas gregas. D'esta forma está claro que não cabe. Se *engole* tudo, como diabo ha de cahir? Foi sempre assim. Em encontrando resistencia pela frente, volta *logo com a palavra atraz.*

—Com a retirada do governo abranda por certo a irritação militar. Mas não julgue o governo que o negocio esquece! Não prepare surprezas, que pode ficar surprehendido. A irritação do militarismo rebenta com mais violencia de que nunca se o governo voltar á carga com a pouca vergonha das graduações militares.

—Deu-se ante-hontem uma gravissima insubordinação a bordo d'um navio de guerra portuguez. Conta-se assim o facto: O primeiro tenente Carlos de Magalhães, de serviço a bordo, mandou prender pelo seu immediato uma praça que havia praticado uma falta, negando-se o marinheiro a dar-se á prisão e fazendo varios desatinos.

Participado o facto ao commandante geral, este mandou do arsenal uma escolta para trazer o insubordinado para terra.

Chegada esta força a bordo, parte da guarnição do navio, doze a quinze homens que não tinha mais a corveta, por estar desarmada, oppoz-se a que o marinheiro saisse d'ali sob prisão, não tendo a escolta força para cumprir a ordem recebida. Algumas praças deram gritos subversivos, e o sr. tenente, que é um official distincto, energico e disciplinador, teve de armar-se para se defender de qualquer aggressão. Constando o facto em terra, partiram para bordo o sr. commandante geral da armada, o seu ajudante, o chefe de estado maior e contingentes dos varios navios de guerra, conseguindo-se restabelecer immediatamente a ordem. Cinco cabeças de motim e a tal praça, que deu motivo á insubordinação, foram logo presos, indo uns para o calabouço do quartel de marinheiros e outros para bordo do couraçado, ficando sob prisão rigorosa.

Outras praças foram distribuidas por diversos navios, sendo substituidas por outras.

Este caso gravissimo de indisciplina produziu viva sensação em Lisbôa. Até aqui era no exercito de terra que se repetiam as insubordinações. Todo o mundo as lamentava, por indicarem evidentemente a anarchia e a desordem que minam todas as instituições portuguezas. Mas ainda havia uma pequenina consolação. A nossa heroica marinha de guerra estava isenta d'essa lepra maldita. Algum caso de insubordinação que por lá se dava era de pouca monta, mesmo de nenhuma importancia. Agora, porem, vê-se que existe na armada o mal do exercito. A insubordinação que acaba de se dar é d'uma importancia excepcional, tão importante como a ultima insubordinação de Lanceiros. E como isto de insubordinações é tão contagioso como o suicidio, é de receiar que se lhe sigam outras mais ou menos importantes. Oxalá que não, por todos os motivos, e principalmente porque as insubordinações na marinha são d'um effeito mais prejudicial e mais ameaçador de que no exercito.

Alguns jornaes estendem-se em considerações sobre as causas do mal estar da marinha, causas que apontam como perfeitamente eguaes ás do mal estar do exercito. Sobre isso muito tinhamos que dizer e muito diremos se tivermos pachorra.

—Um rapasito de 11 annos, chamado José Ventura dos Santos, que seguia n'um carro americano de Lisboa, na rua Direita de Belem caiu da plataforma da frente, sem que o cocheiro ou conductor podessem evitar tão fatal accidente. O pobresito foi horrivelmente pisado pelo estribo do carro e falleceu uma hora depois de recolher ao hospital de S. José.

Estão-se repetindo estes desastres por falta de cuidado.

—Lê-se n'um jornal:

O estado livre do Congo está a pedir... *kermesse!* Tendo já, ao que parece, os seus cofres exhaustos, pediu licença ao governo francez, para estabelecer uma loteria em França. O governo recusou-lh'a. Se não lhe valem com alguma *kermesse*, a tal associação exploradora do Congo, dará decerto á casca, o que é devéras para lastimar. A proposito Aonde pára o sr. Stanley?

—Morreu no dia 31 de outubro em Madrid o vice-almirante Topete, umas das mais brilhantes glorias da historia contemporanea da marinha hespanhola. Foi elle que a bordo da *Zaragoza*, em Cadiz, levantou o grito da revolução em 1808, devendo-se a elle o bom exito do movimento liberal. Em Cuba, em Africa, e principalmente em Callao, tornou-se sempre notavel pela sua valentia e heroicidade, sendo duas vezes ferido em combate.

—Esteve em Lisbôa, de passagem para o Zaire, o nosso amigo Joaquim Fontes. Que tenha mil venturas.

—Tem sido alvo de enthusiasticas ovações, no Circo, a amazona Elvira Guerra, que domina e dirige um cavallo com uma perfeição inexcedivel. E' a mais famosa *écuyère* que tenho visto.

—Passa a sêr um vintem o preço do transporte de passageiros nos carros Rippert, dentro da cidade. Quem ha de andar a pé? Se não se acabar, não ha maior pechincha.

—Appareceu o cholera em Ayamonte. Quando nos julgavamos longe d'elle, é quando elle nos bate á porta.

—Parece que vem mais tarde a Lisbôa do que se esperava a famoza cantora Adelina Patti.

Y.

COMMUNICADO

Cadaval

Cidadão redactor.

No dia 24 do corrente mez, pela 1 hora da tarde, falleceu J. A. S. Barbosa, dono, e residente na Quinta dos Loridos, freguezia do Carvalhal, chamada d'Obidos. Era, como se lá diz (e era sem duvida nenhuma) um abastado lavrador, e tambem um capitalista muito regular.

Falleceu com oitenta e um annos incompletos; soffria muito de um catarro de bexiga, e succumbiu, julga-se, por effeito de uma syncope no acto de extrahir as orinas, o que fazia sempre que a natureza o exigia. Soffria muito, muitissimo, como todos os que padecem da bexiga sabem, infelizmente! Era um homem que não inculcava tanta idade; bem disposto; bastante activo na sua labutação de todos os dias; exemplar na sua vida de celibatario, mas celibatario honesto; era esmoler e a sua morte ha de ser sentida por muitas pessoas; regularissimo e exatissimo em todas as suas transacções; finalmente era um homem bom, porque o conhecemos muito de perto.

A terra lhe seja leve, como sempre se diz no final de todos os necrologios; e adeus parente e amigo, até lá.

27 | 10 | 85.

Veritas.

PARA RIR

O Calino quer botar espirito, e por uma mania como qualquer outra, reserva toda a bagagem das suas facecias grotescas e já muito estafadas para as exhibir em artigos de fundo *(sic)*. E adeus.

E' nogento o phraseado, mas desculpa-se-lhe a toleima pela inconsciencia com que elle faz alarde da sua imbecilidade.

Falta-nos o espaço, senão dariamos na integra o tal artigo editorial do papel. Para amostra vae só um bocadinho. Ora ouçam:

«A exploração d'esta phrase em croquettes, em filetes, em cabedellas, salchichas, pasteis e gelados tem dado materia para muitos jantares diplomaticos, e para varios artigos de fundo.»

Um artigo politico (?)!! Chega a ser indecentemente arrojado, o diabo do homem. Outro retalho, que orça pela mesma bitola:

«Em balde as hospedarias da opposição se esmeram nos acepipes, gastando molhos aromaticos, condimentos energicos, coloral, espargos, tubaras e alcaparras.»

Que imaginação! Calino inspirou-se no *Cosinheiro dos Cosinheiros*, ao ennunciar essa nomenclatura culinaria! Nem se explica o prodigio d'outra fórma! Um cosinheiro bezuntão não diria melhor.

Ah! bello cosinheiro!

NOTICIARIO

Partiu na ultima terça feira para Lisboa, onde deve embarcar com destino á Africa Occidental, o nosso amigo Joaquim Fontes Pereira de Mello. Vae entregar-se á vida commercial n'aquellas paragens.

Viagem feliz e todas as prosperidades é o que deseja a nosso amigo.

Com uma febre typhoide acha-se doente no Porto o nosso presado amigo e correligionario sr. José Maria Durão.

Apetecemos-lhe anciosamente rapidas melhoras.

Na terça feira completaram-se 23 annos que falleceu o nosso mallogrado conterraneo José Estevão Coelho de Magalhães, alma sempre devotada ao engrandecimento da terra que lhe ouviu os primeiros vagidos.

Nem sempre Aveiro lhe pagou com gratidão. Ha de ser o eterno opprobrio d'esta terra que lhe negou indignamente o mandato de seu representante em côrtes, guerreando encarniçada o filho que conquistou pela palavra o primeiro lugar no parlamento portuguez.

Os restos d'esse gigante da tribuna jazem no cemiterio d'esta cidade, arrumados a um canto na mais modesta das capellas. Aquelle grande espirito que tinha por morada um envolucro tão despretencioso, pedia a consagração posthuma sem os atavios sumptuosos da vaidade que vae ainda até alem do tumulo. Por uma coincidencia notavel, o jazigo do tribuno ardente destaca-se de todos os outros pela sua modesta architectura.

Na quarta feira, um navio que pretendia entrar a barra, não o pôde fazer emquanto não alijou ainda fóra do canal a carga de cimento que trazia. O mar bonançoso consentiu que alguns barcos se approximassem do hiate n'aquelle local para salvar a carga e quiçá o navio d'um naufragio eminente.

Alliviada a embarcação, pôde em seguida entrar.

Principiaram na segunda feira as audiencias geraes n'esta comarca. Felizmente não é muito desenvolvida a lista dos criminosos a julgar.

Na primeira audiencia foi absolvido o reu que era accusado do crime de furto com arrombamento.

Na terça feira entrou em julgamento uma mulher accusada do crime d'exposição de um recem-nascido. O jury deu o crime como provado, sendo por isso a ré condemnada.

Asseveram-nos que virá muito breve a esta cidade um jornalista portuense bastante conhecido pela dura tempera da sua penna, afim de examinar pessoalmente uma questão de transcendente importancia local, e ventilal-a depois no seu periodico.

O cavalheiro que nos informa, diz que se acha nomeada uma commissão para dar todo o apoio ao supracitado jornalista.

Esperamos anciosos os acontecimentos.

Ha dias percorria ahi as ruas da cidade um homem novo, estendendo a mão á caridade publi-

---

convivencia parisiense está occulto um poder essencialmente reformador, a cuja influencia ninguem se exime uma vez que o experimente.

A gente tem ordinariamente na sua terra umas convicções de campanario, umas ideias de freguezia, que se recebem como a sombra de certas arvores de logradouro commum, que ninguem rega, que ninguem póda e das quaes ninguem se lembrou nunca de perguntar que madeira botam ou que fructo produzem. E' sobre o peculio d'estas opiniões recebidas a modo de herança, como o chão para uma edificação, que nós architectamos o nosso albergue moral, o systema que ha de regular a nossa vida, as nossas aspirações, o nosso futuro, a nossa felicidade.

Em Pariz, onde tudo se controverte, esses principios herdados, que são uma especie de ideias innatas dentro do circulo de certas zonas, apeiam-se da sua dignidade de axiomas, desarrodelam-se da protecção que lhes dava o nosso respeito, entram em exame com tudo mais e cahem derrocados, umas vezes para se elevarem de novo mais firmes e mais solidos á luz da nossa razão, outras para se acabarem para sempre perante o nosso criterio. Uma palavra ouvida ahi em certa hora desfaz muitas vezes um erro que levou dez annos a medrar e a engrossar no nosso entendimento, e a face do nosso destino, movida por uma pequenina mola em que interiormente nos tocaram, revira-se entre uma colher de sôpa de camarões e um calix de vinho da Madeira.

Um dos jantares de Pariz que mais captiva a attenção dos estrangeiros é o do «Grand Hotel.» A sala de jantar do «Grand Hotel» tem a amplidão e a magestade de uma igreja. A' volta de seis enormes mesas, cobertas de uma esplendida baixella, servidas por um regimento de criados de gravata branca e calção curto, debaixo de tectos doirados e de milhões de lumes infinitamente reflectidos em cristaes formosissimos, reunem-se em cada noite centenares de viajantes, vindos de todos os pontos do globo á romagem da nova Meka. Eu jantei lá uma vez entre um beduino e um turco vestidos com os seus trajes nacionaes. Defronte de mim estavam tres alegres e palradoras hespanholas tadeadas de dois inglezes inteiriços e pausudos como dois postes d'eça funeraria.

A mesa do «Grand Hotel,» bem como a do «Hotel du Louvre» e a do «Café de la Paix,» é o «rendez-vous» ordinario dos abastados paes de familia e dos maridos ricos que viajam com as suas consortes, levando pelo braço a fidelidade conjugal e na bagagem as taboas da lei domestica. No «Grand Hotel» rega-se a virtude com um vinho de Hermitage, que é o mais saboroso nectar a que um chefe de familia honesto póde sem peccado chegar os beiços ungidos pelo matrimonio para os prazeres immaculados e celestiaes.

A virtude aproveita sempre com estas immersões em liquidos de lei.

O abbade Fayet, que foi um grande bispo, apesar de se servir ao jantar de mais alguma coisa do que a vacca e o riso do nosso Bartholomeu dos Martyres e de beber alguns outros vinhos além do vinho d'Orleans, que dizem ser a unica bebida alcoolica na mesa do sr. Dupanloup, o abbade Fayet, dizemos, entendia não deshonrar a mitra respondendo aos que reparavam em elle beber Champagne: «A theologia precisa de ser demolhada.» 1

A'parte porém o Hermitage, que eu não podia deixar de especificar em escriptura tão séria como a que estou fazendo, os jantares do «Grand Hotel» nada offerecem que se particularisem. E' um jantar polyglotta reunindo em sancta harmonia todos os idiomas do universo e provando-nos assim que a torre de Babel deixaria de ser uma confusão se lá se jantasse bem.

Os jantares do «Grand Hotel» são de mesa redonda, e nenhum homem que verdadeiramente saiba comer se sujeita á brutalidade d'esse regime. Só os paladares plebeus e desentendidos é que supportam o «menu» imposto pela vontade do cosinheiro ou do director da copa.

A primeira condição de um bom jantar é haver sido o «menu» constituido segundo o temperamento, a indole, o gosto, o pensamento e o intuito do individuo que o come. Digam-me o que pediu para jantar em um restaurante bem servido um homem que saiba jantar, e eu vou-lhes dizer sem receio de errar muito o que elle pensou n'esse dia e o que projecta fazer n'essa noite.

RAMALHO ORTIGÃO.

(CONTINUA.)

1 Este abbade Fayet era um poço de respostas agudas contra toda a advertencia maliciosa que se lhe fizesse. Não antipathisava absolutamente (parece impossivel!) com João Jacques Rousseau, e tinha na tampa da caixa do rapé uma preciosa miniatura representando o retanto do philosopho. Notando-se-lhe esta prova de sympathia á pessoa do impio, Fayet respondeu:— «E' o unico modo por que o posso cheirar.»

ca. Apoiava-se n'umas muletas e vestia os restos d'uma farda militar. O infeliz fôra soldado, impossibilitára-se no serviço da caserna, e depois foi lançado á rua como um animal lazarento que já não serve para nada.

O ex-soldado lá seguiu, mendigando, a via dolorosa da ingratidão d'estes charlatães das eminencias governativas que afagam a vadiagem emquanto arremessam ao lodo as victimas que exploraram por tão baixo preço.

Isto são futilidades que em geral passam sem reparo. A nós, porém, irrita-nos esta anomalia, que é um symptoma manifesto do muito que tem descido esta sociedade de egoistas.

N'um dos dias d'esta semana foi encontrado um recem-nascido á porta da casa do sr. vice-presidente da camara municipal. A creancinha foi acalentada por uma serviçal d'aquelle sr. até ao dia immediato em que se lhe deu o destino conveniente.

Ignora-se por emquanto quem é a desnaturada mãe do exposto.

Por carta do nosso amigo Bento Casimiro Feyo, pharmaceutico do ultramar, o vapor que o conduziu a Moçambique teve uma viagem tempestuosissima, estando prestes e naufragar.

O navio tocou n'um banco de areia, á distancia de uma legua de terra, onde permaneceu encalhado, conseguindo safar-se depois de duas horas de angustias. Chegou, porem, ao seu destino sem ter a lamentar nenhuma desgraça.

No comboyo descendente da noite de ante-hontem embarcou ahi para a capital com direcção ao Brasil, Manuel Carvalho, natural de Moiramorta, concelho de Castro Daire, implicado n'um crime de assassinato praticado nas proximidades de Vizeu, se nos não enganâmos.

Parece que o criminoso arranjára em Vizeu todos os documentos para sair clandestinamente de Portugal. Afim de dar menos nas vistas, Manuel Carvalho veio até aqui n'um d'esses carros beirões quando tinha mais commodo o trajecto pela malaposta d'Estarreja.

Com vista á policia de Lisboa.

Tivemos hontem no Theatro Aveirense o espectaculo que estava annunciado para quinta feira ultima. O desempenho do *Kean* agradou geralmente. A casa estava cheia.

A temperatura arrefeceu bruscamente. Tem já nevado muito, e os campos apresentam-se de manhã cobertos por um lençol de geada.

Na proxima sexta feira tem lugar na Vist'Alegre a importante feira annual de porcos gordos.

As transacções só em gado suino costumam subir n'aquella feira a dezenas de contos.

A nossa modesta praia da Costa Nova esta actualmente com um grande numero de banhistas. As constituições efeminadas retiraram já quasi todas. O frio açoutava-lhes a epiderme, e fugiram a procurar a atmosphera tepida da cidade. Pois é sob essa intemperie que a gente do campo vae retemperar no oceano a sua musculatura saudia. A praia está muito concorr da por essa nova colonia.

O conego Manuel Homem de Macedo da Camara e Motta, opulento proprietario e capitalista, uma das mais fieis imagens do pobre Nazareno, e residente no concelho d'Agueda, segundo as previsões da *Folha Constituinte*, irá responder em policia correccional pelo crime de resistencia e ameaças á auctoridade administrativa d'aquelle concelho.

O reverendo conego, tendo delinquido em 1883, só hoje é chamado a dar contas do seu procedimento, depois de ter recorrido em vão a todas as instancias judiciaes a procurar remedio para as suas faltas. O Supremo Tribunal de Justiça negou-se a tomar conhecimento do recurso, pelo que o reu terá de ir sentar-se no banco do supplicio... se antes a força magnetica do argentario não dutilisar a symbolica matrona da justica.

E' caso.

Nas proximidades de Mira appareceram ha dias envenenados todos os membros d'uma familia que haviam comido uma gallinha encontrada moribunda.

Soccorreram-se do azeite bebendo-o como unico antidoto que se lhe deparou mais rapido, e acham-se livres de perigo. As victimas explicam o caso, attribuindo á visinhança a culpa do envenenamento, pois costumam lá envenenar as gallinhas quando as encontram comendo pelas terras, onde fazem estragos.

Foi preso na Povoa de Varzim um tal Alberto, filho natural d'uma mulher, chamada Agripina, por ter tido o insolito atrevimento de a esbofetear gravemente, deixando-lhe as faces bastantes contusas.

Repugnante patife. Não conhecemos nada de mais hediondo na escala do crime. Se fôramos julgador, haviamos de fazer sentir ao infame a sua vilissima acção.

O amanuense do administrador do concelho de Felgueiras atacou na rua o administrador de um jornal da mesma localidade, esbofeteando-o e dando-lhe acto continuo a voz de prezo.

Parece ser congenere da policia lisbonense.

Na quinta do Infesto, proximo de Torres Vedras, quando um tal Luiz *Grão de milho*, de Mont'emgrão, se debruçava sobre um balseiro para accudir a um seu companheiro de trabalho que, afflicto, tinha chamado por soccorro, perdeu o equilibrio, caindo de cabeça sobre a massa em fermentação já adiantada, e poucos momentos depois era cadaver.

Referem de Castello de Vide que o padre Seraphim Augusto do Patrocinio pretendia que o rendeiro d'uma sua propriedade, João Roqueiro, saisse d'ella no fim de setembro; o rendeiro, que se julgava com direito de estar n'ella até ao fim de dezembro, deixou-se ficar; o saraphico e augusto padre meditou uma noite no problema, e, em vez de recorrer aos tribunaes, o que era demorado, caro, e de resultado muito incerto, levantou-se n'um dia de madrugada, e fazendo-se acompanhar de um seu irmão e de *uma mocetona*, invadiu a casa do rendeiro e intitimou-o a que se pozesse fóra, e, porque este não obedecesse, saccou de uma pistola, desfechando-a contra o rendeiro, que, felizmente, evitou o tiro, abaixando-se. O reverendo foi em seguida dizer missa muito tranquillo.

A nova linha de Salamanca a Fuentes d'Onoro começou a funccionar no principio d'este mez. O comboio do correio sai ás 4 horas e 20 minutos da manhã, e chega a Fuentes d'Onoro ás 9 horas e 25, dando correspondencia, em Villar Formoso, ao comboio da linha da Beira Alta, que d'ali sái para a Pampilhosa ás 9 e 47 da manhã. Outro comboio mixto sairá de Salamanca ás 3 e 45 da tarde, chegando a Villar Formoso ás 11 da noite. Um comboio que sairá de Fuentes d'Onoro para Salamanca ás 4 1|2 da tarde liga com o da linha de Medina del Campo. Medina corresponde directamente, como se sabe, com Valladolid, Burgos, Miranda, Victoria, Alsasua, Irun e Hendava, fronteira franceza.

Deve no ter lugar no templo do Carmo, no dia 11 do corente, pelas 9 horas da manhã, uma missa por alma de minha mulher, rogo ás pessôas de minha amizade o obzequio de assistirem áquelle acto religioso, antecipando desde já os meus agradecimentos.

Aveiro 6 de novembro de 1885

José Leirião Ferraz.

Amancio Estulano d'Almeida Queiroz, agradece aos seus dedicados amigos e á imprensa em geral o testemunho de dedicação que lhe prestaram, por occasião do fallecimento de seu tio o general de brigada reformado João José d'Oliveira Queiroz.

A todos um aperto de mão.

E' sob o regimen benefico da Republica que o grande paiz norte-americano assombra o mundo com os esplendores do seu progresso economico, moral e intellectual. Nem se comprehendem estados democraticos os que não miram e trabalham sobre tudo para a mais completa harmonia dos cidadãos, fomentando a instrucção para os identificar pelo estimulo no amor do bem.

Os acontecimentos extraordinarios que no dia 1 de janeiro de 1863, trouxeram nos Estados Unidos a proclamação do emancipamento dos escravos do sul e os chamaram, por titulos de cidadãos, a todos os direitos politicos, foi acompanhado do estabelecimento de numerosas escolas para os mesmos.

No primeiro anno abriram-se 1:500 escolas. Ao passo que o exercito do norte tomava posse de alguma cidade inimiga, uma phalange dedicada de mestres e professores ahi entrava apoz elle. Encorporando entre os seus soldados os negros fugitivos, os generaes formavam para elles escolas regimentaes.

No fim da guerra, 40:000 pretos haviam seguido as aulas e sabiam ler e escrever.

Apezar de ser grande a dedicação dos homens e mulheres occupados na educação das creanças pretas, o numero sempre crescente das escolas (contavam-se 4:000 no começo de 1868), requeria mais mestres do que o norte e o oeste podiam fornecer. Os generaes e os superintendentes remediaram essa falta creando escolas normaes para os pretos e confiando a elles mesmos que mal liam, escreviam e contavam, o cuidado de communicarem aos outros o seu saber.

De admiraveis discipulos, os negros tornaram-se excellentes professores. Em breve trataram elles de fundar escolas, e em 1868 sustentavam á sua custa, apezar dos sacrificios e privações, 1:200 com 301 casas proprias.

Com o concurso dos estados e particulares, quer fossem brancos quer pretos, surgiram por todas as partes, como por encanto, escolas para creanças, para adultos, para os domingos, superiores, normaes, industriaes, caixas economicas e sociedades de temperança.

No principio da guerra, 9:000 pretos liam e escreviam, depois d'ella 300:000 participavam da luz do saber.

O energico insurgente canadense, Luiz Riel, que foi aprisionado e condemnado á morte pelas tropas inglezas, pelo *crime* de ser elle um dos ardentes e leaes defensores da causa dos mestiços, appelou d'esta sentença para o conselho privativo da rainha Victoria. Esta acaba de resolver que a causa não deve ser examinada e que Riel seja executado em poucos dias.

Em vista d'esta attitude a opinião londrina insurgiu-se contra a crueldade da loura rainha e já protestou em *meetings* enormes. Veremos se conseguirá arrancar o intrepido canadiano ás garras do carrasco da bretã que manifesta instinctos tigrinos.

Ao *Voltaire*, jornal parisiense, informam de Madrid que a vida do rei hespanhol está proxima d'um desenlace fatal, marcando-se-lhe para isso uma data provavel, dezembro ou janeiro, se não conseguirem cicatrisar as ulceras que lhe róem a garganta. E' esta a opinião de clinicos auctorisados.

Com estes dados coincidem os preparativos dos pretendentes ao throno do reino visinho, entre os quaes se notam a irmã e mãe do monarcha enfermo, pondo todos em campo as suas influencias. Que gentinha! São todos dignos uns dos outros.

Por Dios, que o filho de D. Izabel viva ainda o tempo sufficiente para mandar fusilar os ultimos conspiradores de Carthagena. Talvez uma sensação forte lhe dê alento para ir segurando a vida que lhe foge a passos largos.

Entrou em S. Miguel a barca portugueza *Julius*, de 590 metros cubicos, capitão Vieira, de New Orleans em 55 dias, com aduela para o Porto. A. Clemente J. da Costa.

Soffreu grandes avarias no panno, mastreação e borda falsa, por effeito d'um violento cyclone na latitude 28°, 85' e longitude 79°, 27'.

N'aquelle dia e no immediato o capitão declarou que encontrára 3 navios completamente rasos, sem ninguem a bordo, e um outro só com dois páos servindo de mastros que pretendia arribar a qualquer porto da America. O cyclone teve logar proximo da Florida.

Foi votado, na Russia, um imposto original sobre a agua de Colonia, porque esta não é consumida como agua de *toilette*, mas sim como bebida espirituosa.

M. Claveland, presidente da Republica dos Estados-Unidos foi ultimamente visitado por um negro, de cento e vinte cinco annos, que conheceu pessoalmente todos os presidentes que tem havido n'aquelle paiz, desde Washington até hoje.

E' calculada a fortuna particular da soberana do Reino Unido em mais de 18.000:000$000 réis, sem fallar nas propriedades em Aberdeenshire, onde ella possue 33:000 acres de terra, o castello de Claremonte e os Estados de Osborne.

A *Independencia Belga* recebeu do seu correspondente em Napoles, uma carta com pormenores curiosos a respeito de um medico siciliano, que pretende ter achado um meio infallivel de curar os colericos.

Esse medico tem mais de 80 annos de edade e veio de Catanea a Palermo, annunciando o seu especifico contra o colera, e dizendo que elle chegava a restituir a vida aos moribundos.

Perguntado porque não viera mais cedo, disse que tinha estado a completar os seus estudos a este respeito.

Em seguida perguntaram-lhe tambem porque preço vendia o seu segredo, ao que elle respondeu o seguinte:

Não vendo o meu invento porque não sou especulador, nem quero ser qualificado de charlatão de feira. Além d'isso, estou velho, sou rico e não preciso de dinheiro. Chamo-me Antonio Reforgiato e quero que o meu nome seja respeitado. O meu fim é ser util á humanidade. Qualquer pessoa que fôr atacada de colera, não tem mais do que chamar-me; correrei junto d'ella e salval-a-hei.

Com effeito o velho medico, que tem o aspecto de um feiticeiro da edade média, vae a toda a parte, aonde o chamam, sem distincção alguma, quer o doente seja rico, quer seja pobre.

Ficando só com o doente, deita dentro de agua uma substancia qualquer, que é o seu segredo, e applica sobre o estomago do colerico um panno embebido no liquido, fazendo ao mesmo tempo engulir uma pillula ao enfermo. Passados dez minutos retira-se, dizendo que o atacado está salvo.

A voz publica affirma que todos os doentes tractados por Antonio Reforgiato têem sido salvos, affirmando pessoas dignas de credito que têem assistido a verdadeiras resurreições.

A administração municipal, comtudo, receando tractar com um charlatão, não quiz confiar-lhe uma enfermaria do hospital. Cita-se, apezar d'isso, os nomes de todas as pessoas que este tem curado, e a sua casa está sempre rodeada de gente.

O futuro dirá a verdade do caso.

Os Milhões do Criminoso.— E' este o titulo de mais um excellente romance do fecundo escriptor Xavier de Montepin que está causando grande enthusiasmo em França.

O srs. Belem & C.ª sempre sollicitos em proporcionar aos seus assignantes leitura amena e instructiva, lançaram mão d'esta obra, a mais moderna d'aquelle auctor, depois de verem muitas outras afim de captivarem o leitor pela bonita acção do romance.

E' sem exageração, um dos melhores romances da presente epoca, e bom seria que os srs. Belem & C.ª fizessem sempre escolhas como esta. Torna-se desnecessario recommendar esta empreza, pelos creditos de que ella já goza. Em brindes, nunca empreza alguma offereceu maiores vantagens, e é uma das que mais á risca tem cumprido o seu programma.

Na secção respectiva vai o annuncio.

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendamos o Vinho Nutritivo, de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisados.

A camara municipal de Cezimbra abriu concurso para provimento das cadeiras d'ensino elementar e complementar do sexo feminino, na séde do mesmo concelho, com o ordenado annual de 180$000 réis; e de ensino elementar do sexo masculino da freguezia do Castello (rural), com o ordenado annual de 120$000 réis e as gratificações estabelecidas na lei de 2 de maio de 1878.

O *Figaro*, de Pariz, noticiando o enlace do futuro monarcha portuguez com a irmã de D. Affonso d'Hespanha, diz que a princeza hespanhola Eulalia (é este o seu nome) nasceu em 1864; que é a mais nova das filhas de D. Izabel; que é admiravelmente educadá e que... desenha e pinta primorosamente.

Então com taes predicados n'uma rainha, está salva a patria. Exulte Portugal que o seu futuro anjo de caridade até sabe pintar.

Segundo o calculo feito pelo jornal *Bulletin des Halles*, a producção de trigo, este anno, na Europa foi de 426.950:000 hectolitros. O paiz que produziu mais foi a França á qual assigna hectolitros 101.750:000 e produziu menos 7 milhões d'hectolitros, pois que a média dos ultimos annos dá-lhe 103 milhões.

Portugal fica em 11.º logar com 2.700:000 hectolitros e tambem produziu menos, pois que a média dos ultimos annos attribue-lhe 3 milhões. Pelo calculo apresentado pelo *Bulletin*, vê-se que

só a Italia é que teve uma pessima colheita.

Para poderam exportar só tiveram boa colheita a Austria-Hungria, a India e talvez a Australia.

A Russia e os Estados-Unidos pouco poderão exportar este anno.

E' do *Figaro*, de Paris, a engraçada apreciação que elle faz sobre um novo enfeite da moda franceza:

«Ha muito quem ria, n'este momento, deante das *vitrines* dos armazães de confecções.

Porque?

Por causa da extravagante idéa que parece ter presidido á creação do novo vestido que se deve usar este inverno, em Paris.

Este pormenor da *toilette* feminina está talhado de fórma a dar a todas as mulheres o aspecto d'aquellas que se encontram em uma posição interessante.

As ultimas confecções para noivas não escaparam mesmo a esta particularidade.

Que achado!

As graves matronas riem; as raparigas, porém, baixam os olhos.

Isto vae até aos manequins dos *ateliers* das nossas grandes modistas, que n'este momento teem um arsinho de jovens mães de familia.

As mulheres adoptarão esta nova moda?

As casadas podem-n'o fazer. Mas as outras?

As outras adoptal-a-hão tambem e por um unico motivo: á mais pequena reflexão que podesse suggerir este novo e pavoroso vestido, replicar-se-hia sem embaraço:

—E' moda!»

BIBLIOGRAPHIA

A Moda.— Agradecemos aos srs. Costa Bràga & Filhos a amabilidade da offerta d'um exemplar d'aquella publicação privativa do acreditado estabelecimento portuense. O presente n.º traz n'um lindo figurino em phototipia o que ha de mais moderno em chapeus para a estação do outomno.

*

Bug-Jargal.— Saiu o 2.º fasciculo d'este romance editado pela Empreza Litteraria Horas de Ocio.

Aventuras d'um joven naturalista.— Está publicada a 2.ª caderneta d'esta obra, de que tambem é editora a Empreza Litteraria Horas d'Ocio.

Os pedidos devem ser enviados aos srs. Martins & Martins, rua de Santa Catharina, 172—Porto.

*

Adubo especial para a vinha.— E' sob esta epigraphe que a companhia real promotora da agricultura portugueza fez imprimir um folheto para divulgar as vantagens que resultam á agricultura da applicação dos adubos artificiaes, sobre tudo do adubo especial para a vinha, preparado na fabrica da Povoa de Santa Iria.

Recommendâmos aos nossos agricultores as vantagens palpaveis do emprego do adubo artificial. Para mais esclarecimentos é dirigir aos escriptorios da companhia, em Lisboa, ao Aterro da Boa Vista, na ala poente do Mercado 24 de Julho, e no Porto, na rua da Picaria, n.os 43 a 53.

*

A Rua d'Amargura.— Recebemos o fasciculo 11 d'aquelle romance, editado pela Bibliotheca do Cura d'Aldeia.

Todos os pedidos, a Joaquim Antunes Leitão, rua do Almada, 215—Porto.

*

Os Miseraveis.— Saiu á luz e recebemos o 8.º fasciculo.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação, ao sr. Eduardo da Costa Santos, rua de Santo Ildefonso, 4 a 6 Porto.

*

Recebemos o fasciculo 51 das **Mulheres de Bronze**, explendido romance editado pela empreza Serões Romanticos.

Assigna-se na rua da Cruz de Pau, 26— Lisboa.

*

A Illustração Portugueza.— Recebemos o n.º 16 do segundo anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

*

A Inquisição, o Rei e o Novo Mundo. — Recebemos o fasciculo 43 d'este romance.

Assigna-se na rua d'Atalaya, 18— Lisboa.

Typ. do «Povo de Aveiro»

Rua da Alfandega, n.º 7

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

Uma casa

VENDE-SE, sita na rua de St.º Antonio, n.º 50. Quem a pretender falle com Francisco Moita.

HERPES E EMPIGENS

Curam-se em poucos dias com o uso da POMADA ANTI-HERPETICA do dr. Moraes. E' muito util no tratamento das feridas chronicas.

A' venda nas principaes pharmacias do reino. Em Aveiro, pharmacia Moura; emplhavo, João C. Gomes. Deposito geral, Iharmacia Maia, Oliveira do Bairro.

GENEBRA SEM RIVAL

Superior a quantas até hoje teem apparecido no mercado

DA ANTIGA FABRICA DE

C. C. MOREIRA & C.ª

Premiada na ultima exposição de Lisboa.

Consumo e acolhimento geral em todo o paiz.

Deposito em todos os estabelecimentos de mercearia e outros do Porto.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) MOREIRA & C.ª e a rolha com a firma (FAC-SIMILE) dos fabricantes.

BANDEIRAS

HA-as de lindos gostos em casa de José Vieira Guimarães, que as aluga por preços modicos.

EXPLENDIDO!

JOSÉ EDUARDO MOURÃO & IRMÃO convidam os seus amigos e freguezes e Ex.mas freguezas a visitarem o seu estabelecimento de ourivesaria, na rua de José Estevam, onde encontrarão um variadissimo e mimoso sortido de objectos d'ouro e prata, proprios da estação e ultima novidade no paiz.

Rapaz para impressor

PRECISA-SE de um com urgencia. Na Loja do Povo se diz.

BIBLIOTHECA DO CURA DE ALDEIA

211—RUA DO ALMADA—217

PORTO

OS PREDESTINADOS

POR

Henrique Perez Escrich

Acaba de sahir do prelo o 3.º volume.

Preço de cada volume 500 reis.

Para os srs. assignantes 450 reis.

Está no prelo, e já muito adiantada a impressão do 4.º volume.

Para as provincias far-se-ha a expedição, franca de porte, mediante pagamento adiantado.

Ainda se recebem assignaturas na livraria do editor Joaquim Antunes Leitão, rua do Almada, 211 a 217, Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte.

Em Aveiro assigna-se na livraria do sr. David da Silva Mello Guimarães.

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

ESPLENDIDA EDIÇÃO PORTUENSE, ILLUSTRADA COM 500 GRAVURAS NOVAS COMPRADAS AO EDITOR PARISIENSE

EUGÉNE HUGUES

A obra constará de 5 volumes ou 60 fasciculos em 4.º e illustrada com 500 gravuras, distribuidas em fasciculos semanaes de 32 paginas ao preço de 100 réis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, sendo a assignatura paga adiantada e na importancia de 5 fasciculos.

A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

VENDE-SE

UM phaeton grande, de quatro rodas, em muito bom uso, bem como trez arreios de carro. N'esta redacção se diz.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo, e aprovado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se trez vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dòse, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se egual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na farmacia e daogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

OS MILHÕES DO CRIMINOSO

Ultima e a mais interessante obra de Xavier de Montépin, auctor dos romances: «O Fiacre n.º 13, Mysterios de uma herança, Crimes de uma associação secreta» e «As mulheres de Bronze.»

1.ª parte— O Incendiario.
2.ª parte— O grande industrial
3.ª parte— A luz da verdade.

Edição ornada com primorosas gravuras e com chromos a finissimas côres, dos quaes o primeiro é o retrato de Montépin.

Cada chromo 10 réis— 50 réis semanaes.

Brindes a cada assignante: 100$000 réis em 3 premios pela loteria e um magnifico album das principaes vistas de Belem no fim da obra.

Assigna-se na empreza editora Belem & C.ª, rua na Cruz pe Pau, 26, 1.º Lisboa.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

OFFICINA DE CARPINTERO

= RUA DE ALFANDEGA =

Caixões de hotel Cysne do Vouga

Executam-se todas as obras pertencentes á arte de carpinteria, taes como armações para lojas, carpinterias interiores e exteriores dos edificios, etc., etc.

Todos os pedidos a

Fernando Homem Christo

PHAETON

No hotel **Cysne do Vouga** ha um para alugar. Quem o pretender póde dirigir-se ao dito hotel.

PRAIA DE ESPINHO

= RUA DO BANDEIRA DE MELLO, 34 =

CASA FILIAL DE MACEDO & C.ª

Simão Monteiro de Carvalho, participa aos seus bondosos amigos e obsequiosos freguezes, que, na fórma dos annos anteriores, transferiu para a praia d'Espinho e durante a epocha balnear, o estabelecimento de modas que dirige n'esta cidade.

Em Espinho espera portanto a sua visita, podendo desde já affiancar-lhes que apresenta este anno um sortido completo de todas as novidades da estação em condições vantajosissimas, sem competencia de outro qualquer estabelecimento.

JOAO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

AVEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO N'ESTA EXPOSIÇÃO

E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 500 reis semanaes, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER,,

AVEIRO=75, Rua de Jesé Estevam, 79— AVEIRO

(Pegado á Caixa Economica)